

Ponti



Ponti

Sharlene Teo

Tradução de Alessandra Esteche



Copyright © Sharlene Teo 2018

TÍTULO ORIGINAL

Ponti

PREPARAÇÃO

Mariana Moura

REVISÃO

João Sette-Câmara

Juliana Pitanga

DIAGRAMAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira | Equatorium Design

ARTE DE CAPA

Katie Tooke

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Michael Mateyko

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T288p

Teo, Sharlene, 1987-

Ponti / Sharlene Teo ; tradução Alessandra Esteche. - 1.  
ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2019.

272 p. ; 23 cm.

Tradução de: Ponti

ISBN 978-85-510-0482-1

ISBN 978-85-510-0420-3 [ci]

I. Romance cingapurense. I. Esteche, Alessandra. II. Título.

19-54780

CDD: 895.9

CDU: 82-31(592.3)

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar  
22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

# 1

## SZU

2003

O dia de hoje marca meu décimo sexto ano neste planeta horrível e quente. Estou presa na escola, em pé, as mãos em uma parede verde. Eu as pressiono com tanta força que meus dedos doem. A vergonha me prende a essa parede.

Mais uma vez estou encrecada. Como sempre. Levo semanas para me livrar da situação. Tem algo de desonesto na minha cara, mesmo quando falo a verdade. O que a gente pode fazer se nasceu com uma cara ruim? Acho que é por isso que a maioria das pessoas não se dá bem comigo. Sim, se dar bem, como os patos se dão bem com a água ou as crianças com certas habilidades. Como as outras garotas do colégio parecem virar melhores amigas em questão de segundos, com piadas internas e riso fácil.

Aos onze anos eu tinha esperança de que iria mudar com a puberdade, de que um dia eu sairia de minha crisálida, florescendo em beleza. Não tive a sorte! Em vez disso, acne. Cabelo nojento. Sangue. Pelo visto, puxei ao lado do meu pai, os Ng grosseiros e pálidos, uma família de enganadores e apostadores, contrabandistas e fugitivos. As pessoas são superficiais, admitam ou não. Eu não estaria presa aqui se me parecesse um pouquinho que fosse com minha mãe, que é um monstro, mas é tão deslumbrante que se safa de tudo. Mesmo quando ela não está por perto, sinto seus olhos nas minhas costas; seu olhar cortante de reprovação.

Os fãs do terror a conhecem como Amisa Tan. Nome artístico: Amisa Tan Xiaofang. No dia a dia, ela é o tipo de mulher que nunca transpira, que jamais seria pega falando com a boca cheia. Come como um passarinho, fuma como uma chaminé. Quando saía mais de casa, ganhava frutas e flores (como se fosse uma deusa pagã) na feira, de homens gaguejantes de todas as idades, que também competiam para ajudá-la com as sacolas. Ela aceitava os presentes, mas rejeitava a mão de obra, me obrigando a carregar todas as compras. No caminho de volta, os carros diminuía a velocidade em reverência enquanto minha mãe passava pelo acostamento, eu me arrastando atrás dela. As alças das sacolas de plástico cortavam minhas mãos, o peso de jantares futuros afligia meus ombros e braços.

Estou olhando fixamente para a parede porque se fechar os olhos posso pegar no sono por um segundo, em pé, como um cavalo. A parede tem cor de vômito e sorvete barato de menta. Atrás de mim fica a sala dos professores. Ouço-os entrando e saindo pelas portas duplas de madeira. Digo a mim mesma que se me esforçar ouvirei os riscos de caneta esferográfica. Um xis, resposta errada, incorreto. Agora mesmo, a mme. Goh, a sra. Fok e o sr. Singh estão elaborando nossos testes: Língua Materna, Matemática Básica e Química. Já sei, estou com uma sensação familiar no estômago, aquela de que não vou bem. *Você não está indo bem, Szu. Precisa se animar*, a sra. Fok me diz, é um dos motivos pelos quais estou de castigo. O outro é porque sou “desordeira” e também muito velha, a sra. Fok continua, para perturbar minhas colegas por causa das coisas que digo.

Elizabeth Kwee é a garota nova que veio da Escola Secundária de Santa Madalena há duas semanas. Ela é meia cabeça mais baixa do que eu e tão doce e artificial quanto um docinho japonês. Tem um aglomerado de espinhas na bochecha direita, causadas, talvez, por um travesseiro sujo e uma forte preferência por determinada posição para dor-

mir. Achei que talvez pudéssemos ser amigas. Mas foi ela quem disse à sra. Fok que sou uma mentirosa compulsiva e passo o dia sussurrando “coisas estranhas e assustadoras” para ela.

A parte sobre conversar com ela o dia todo é verdade, principalmente durante as aulas arrastadas da tarde. Quanto a falar “coisas estranhas”, não concordo. Sou a pessoa mais normal que conheço.

Cingapura fica apenas um grau ao norte do Equador e parece o alvo para o qual o sol está mirando com a intenção de matar o planeta. À tarde, este prédio esquenta como um fogareiro de cobre. A sala fica tão abafada que todas as trinta e três alunas suam metade de seu peso corporal, uma forma de sofrimento que as garotas mais comprometidas com seus transtornos alimentares consideram benéfica e embelezadora. A sala de aula esturricada cheira a desodorante *Impulse* e absorvente sujo. Nossas camisas encharcadas ficam translúcidas como casca de cebola e grudam na pele por causa da transpiração. Alças e bordas de taças de sutiãs emergem como as cores atravessando o papel de tornasol: rosa-neon, verde-limão, bordô; cores pouco ortodoxas para nossa escola formal e respeitável só para garotas. Sempre uso sutiã bege.

A sra. Chan, responsável pelo Atendimento Pastoral, já trocou minha dupla cinco vezes este ano. Cansei todas elas. Minhas colegas me chamam de Sadako, nome da menina que se afogou na série *Ringu*, e preferem me deixar em paz. Pelo menos até ficarem entediadas e decidirem fazer da minha vida um inferno. Por enquanto, até as garotas mais cruéis e perfeitas têm achado melhor fingir que não existo.

Clara Chua, Lee Meixi e Trissy Kwok são uma visão de três cabeças de pescoço comprido e pele cristalina, mochilas de marca e vida sexual subestimada. Apáticas e ardilosas como crocodilos. Indecifráveis e invencíveis. Seus olhos límpidos julgam e brilham. Todas as manhãs, em unísono, elas enrolam o cabelo de comercial de xampu com delicadeza e o colocam sobre o ombro como a bandoleira de um rifle.

Nosso colégio é de freiras, do Convento Whampoa dos Eternamente Abençoados, mas não tem nada de devoto nas coisas que as adolescentes infligem umas às outras. Neste lugar não são as meninas estranhas ou as bizarras demais que são perseguidas, mas as menos abastadas, as que não podem comprar mochilas ou tênis bons, ou as fracas, choronas ou boazinhas demais. Já vi garotas serem destruídas por concordar com a coisa errada. Já vi garotas amarradas como pato assado estilo *char siu* nos banheiros mais imundos, a calcinha exposta, engolindo as lágrimas, por terem ofendido uma das crocodilas ou alguém do grupo delas. Sempre por causa de algo pontual ou insignificante — piscar por tempo demais de um jeito desdenhoso, tossir de um jeito engraçado demais, dizer alguma coisa idiota e incompreendida.

Não acredito em santos, mas logo que entrei nesta escola (há três anos eternos, no ano infeliz em que completei treze) eu fazia esta oração todas as manhãs, no ritmo dos meus passos logo antes de passar pelos portões:

*Peço ao cocô dos pássaros,  
Peço às árvores,  
Peço à entrada,  
Peço aos guindastes,  
Que nenhuma menina seja maldosa comigo,  
Que eu fique bem.  
Amém, amém, amém.*

Os portões de ferro forjado da escola têm a cor de chiclete de banana, para imitar a textura maleável dos marshmallows, apesar de não haver escapatória. Uma paleta enjoativa como doce compõe as cores suaves e delicadas do nosso colégio, para amenizar o golpe dos horrores perpetrados do lado de dentro; paredes verde-menta perto da sala

dos professores, lilás senil no pátio, rosa-bebê e azul-bebê nas torres altas e cafonas que formam as alas leste e oeste. Passo mais tempo neste complexo do que em qualquer outro lugar. Queria que pegasse fogo enquanto durmo.

\*

Ontem vi uma miragem no quadro branco. Se acreditasse em Deus, diria que foi uma visão sagrada. Os traços da caneta da sra. Fok começaram a pular na superfície, correndo e saltando como as linhas na tela de um monitor cardíaco; parecia que eu ia desmaiar ou pular da cadeira e começar a dançar. Meu sangue acelerou. Meus ossos se encheram de uma ansiedade avassaladora, como se a coisa pela qual eu estava esperando a vida toda, sem saber dizer o que era, finalmente estivesse para acontecer. Naquele instante tive um impulso urgente de falar com Elizabeth Kwee. Sua orelhinha rosada era um receptor de sabedoria infinito, convidativo. Minhas mãos e meus pés estavam gelados embora o restante do corpo estivesse fervendo.

— Ei, Elizabeth, quer ouvir uma coisa? — sussurrei.

Ela continuou olhando para o quadro.

— Ei, quer ouvir uma coisa legal?

— Não — respondeu entre dentes.

Ela tamborilava os dedos da mão direita na mesa de plástico cinza. A parte inferior e carnuda da palma estava manchada de tinta azul. Eu me inclinei em direção à orelha dela.

— Minha mãe é um monstro — sussurrei.

Eu estava muito perto. Sabia o quanto minha respiração devia estar quente e grudenta, naquele calor infinito das duas e meia, naquela umidade. Alguém atrás de nós se mexeu na cadeira. Elizabeth se afastou sutilmente. Não queria correr o risco de ficar de castigo.

— Pare de falar — sussurrou ela.

— Ninguém está ouvindo — retruquei. — Não vai acontecer nada. Então, você conhece minha mãe?

— *Conheço*. E daí?

— Ainda tem como conseguir cópias do filme dela, na Malásia, pirata...

— Aquele sobre a *pontianak*. Sei. Eu estava doente aquele dia. Mas fiquei sabendo que você fez uma apresentação.

Na última sexta-feira, durante a aula de Educação Nacional, fiz uma apresentação de PowerPoint sobre a carreira cinematográfica da minha mãe. Minha voz tremeu durante toda a introdução. As garotas do fundo riram. *Ponti!* (não confundir com *Pontianak 1957*, *Pontianak*, *Maldição da pontianak* ou *Retorno da pontianak*) foi o melhor filme lançado em Cingapura em 1978, e o mais subestimado.

*Ponti!* é um filme cult. É o primeiro, e certamente o melhor, de uma trilogia, embora quase ninguém conheça e seja difícil conseguir uma cópia. Mas os cinéfilos dão um jeito. Minha mãe recebeu quatro cartas dos Estados Unidos, três da Indonésia, duas do Japão e uma da Holanda de superfãs dizendo o quanto a amavam. De vez em quando ela tira as cartas da pasta, alisa os vincos do papel e relê em silêncio. Eu disse que se comprássemos um computador talvez ela recebesse ainda mais mensagens de fãs, mas ela não confia na internet, nem minha tia. Minha tia diz que fios em excesso vão irritar os espíritos, e quando digo que não é assim que funciona ela dá um meio sorriso e faz sinal para que eu fique quieta.

No melhor (e único) papel de sua carreira, minha mãe, usando próteses baratas, interpreta uma garota chamada Ponti que ficou corcunda em razão de uma deformidade congênita e que faz um pacto com um *bomoh* — *um xamã* — para ficar bonita. Ela fará qualquer coisa, pagará qualquer preço. Uma vida de feiura é insuportável. Minha mãe tinha dezenove anos, quase a minha idade. *Por favor, Datuk, eu imploro*, ela

diz para a câmera — e a voz que sai é a de uma completa estranha: uma dubladora americana, doce e pequena e estrangeira.

O curandeiro concede seu desejo. De uma nuvem de poeira, ela emerge radiante como uma pérola, mesmo com a imagem granulada.

Com a beleza de Ponti, no entanto, vem uma sede por sangue masculino. Ela se torna a *pontianak*, um monstro canibal. Deve encontrar vítimas e se alimentar delas para manter sua aparência. Usa um vestido branco colado nos quadris e seduz homens que viajam sozinhos pelas escuras estradas de terra de Pantai Dalam. Tudo de acordo com o mito da *pontianak*, contado por esposas preocupadas para que os maridos tomem cuidado com garotas jovens e bonitas andando sozinhas à noite. É claro que os homens não escutam. E ela é muito sedutora. Então, dá um beijo longo e molhado que suga a alma e a juventude das vítimas. Eu me contorço ao ver minha mãe beijando um ator. O sangue jorra. Então a câmera desvia e foca no alto das palmeiras. Dá para ver as folhas tremendo. Ouvir a mastigação faminta ao fundo. Não havia orçamento para mais sangue, então somos poupados da violação em si.

Na cena seguinte ela está em pé sozinha em uma clareira artificial. É a cena que mostrei na sala, no lugar da anterior, de sedução e assassinato. É uma cena sem falas, e minha favorita. Minha mãe respira fundo e parece derrotada e pegajosa de suor. Seus ombros estão caídos de um jeito esquisito. A parte da frente do vestido está encharcada de xarope de milho diluído, mais rosa do que vermelho. Ela vira devagar e, ao encarar a câmera, pisca como se estivesse saindo de um transe. Então sua expressão se fecha; ela está cansada demais até para chorar. Sempre me dá vontade de abraçá-la nessa cena. Nesse momento a projeção tremulou, como se concordasse comigo. Olhei em volta para me certificar de que todas na sala escura estivessem prestando atenção. Trissy riu para o celular. Meixi estava de olhos fechados. Vanya e Lin, no entanto, olhavam para a tela sem pestanejar.

Minha mãe levanta a mão para limpar a sujeira do braço esquerdo. Está tremendo; não são só os solavancos da câmera. Seu cabelo preto comprido está cortado em camadas, como era moda nos anos 1970. Iluminada por trás por uma luz turva, ela parece estar na lua. De perto, sua expressão é suave e vulnerável. Nunca a vi na vida real. Parece alguém com quem eu me daria bem, uma garota cheia de preocupações e afeto que um dia vai se solidificar na minha mãe, mas não por ora.

*Ponti!* termina com uma cena de perseguição. Meu monstro está pálido e agitado, mas ainda orgulhoso. Ela mantém o queixo erguido enquanto corta o campo de caniço-branco. Os longos talos verdes estremecem ao seu redor. O herói está se aproximando. Eu costumava tapar os olhos nessa cena. Nunca quis que ele a alcançasse. Mas é ele quem deve vencer. Ele sabe como derrotar a *pontianak*: um prego sagrado e enferrujado, enfiado no buraco em sua nuca, o buraco que o *bomob* fizera para amaldiçoá-la com a beleza. A lenda também diz que ele deve enfiar um pedaço do cabelo dela no buraco. O ator faz isso com a determinação entediada de quem coloca panfletos de pizzaria em uma caixa de correio. Decorei os quadros finais: o farfalhar das folhas encharcadas pela chuva; os pés descalços e delicados da minha mãe pisando a lama, seguidos por botas pesadas. O estrondo de um raio quando o herói a alcança. Ele levanta o martelo e enfia o prego junto com o cabelo. Por fim, um barulho horrível de algo sendo esmagado enquanto minha mãe arregala os olhos.

— Melancias. Esse é o truque — disse minha mãe. — Se você golpear o centro de uma melancia com uma faca comprida, é como esfaquear uma barriga; o barulho é o mesmo. Se deixar uma melancia cair de uma altura de três metros, parece um crânio se abrindo. Se chacoalhar grãos de café em um tambor de lata, parece uma tempestade. Mas esse último truque todo mundo sabe.

Há muitos anos, quando eu ainda era uma criança fofinha, assistíamos juntas à trilogia várias vezes, até eu conhecer cada filme de cor, e ela me contava histórias sobre as gravações, sobre a vida livre e maravilhosa de que desfrutava antes de eu nascer.

— *Wah lau*, eles faziam uma bagunça no set — sussurrei para Elizabeth. — Polpa de melancia por todo lado, pedaços de berinjelas, cenouras brancas, tomates e rabanetes no chão, tudo grudento. Gravaram em um estúdio de som em Johor, em junho, quando fazia muito calor. O lugar fedia a vegetais podres.

— *Não quero saber* — disse Elizabeth.

Ela estava olhando para a frente, os olhos fixos, e tinha parado de bater os dedos na mesa; aproximou a cadeira da mesa, como se quisesse afastar o corpo todo de mim. As pernas de metal fizeram um barulho irritante ao serem arrastadas pelo chão.

— Enfim, apesar de minha mãe morrer em *Ponti!*, ela ressuscita em *Ponti 2*. Também é decapitada no final de *Ponti 3*, mas mesmo assim o fim é meio que aberto. Sabe como são os filmes de terror... sempre deixam a possibilidade de uma continuação.

Elizabeth virou a cabeça para mim com uma expressão tensa e firme.

— Você pode, por favor, calar a boca? — retrucou entre dentes.

— Tá bom, tá bom — respondi.

Nós duas nos viramos para o quadro branco. Nada que estava escrito lá fazia sentido. Matemática e o que as outras pessoas falavam eram como línguas estrangeiras. Fiquei ouvindo o barulho baixo e laborioso do ventilador de teto zumbindo sobre nossas cabeças. Um mosquito pairou próximo à minha orelha esquerda e saiu voando. Nem o mosquito queria ficar perto de mim. Senti uma fígada na costela, que subiu até a traqueia. Não sabia se estava com raiva ou triste ou feliz ou tudo isso junto. Tentei conversar com Elizabeth mais uma vez.

— Posso te emprestar o VCD, a sra. Chong me ajudou a converter o vídeo...

Elizabeth cobriu com a mão a orelha esquerda, a que estava mais perto de mim. Com a outra mão, bateu na mesa. A sala ficou em silêncio.

— Elizabeth e Szu. Algum problema? — perguntou a sra. Fok, apontando a caneta sem tampa para minha cara.

Senti uma multidão de colegas virando na nossa direção. Agora seus olhares é que eram como ondas de calor atingindo minha nuca, minhas bochechas avermelhadas, meus ombros suados.

Fiz que não com a cabeça e engoli em seco, muda mais uma vez.

— Senhora, ela fica falando, e eu estou tentando prestar atenção — denunciou Elizabeth em um tom ofendido e choroso.

— Szu Min, você se lembra da semana passada? — perguntou a sra. Fok, brandindo a caneta. — Já foram dois avisos. O que eu disse, garota?

Olhei para ela com a cabeça baixa. Tentei incorporar uma ovelha. Por que os professores fazem essas perguntas retóricas terríveis? Na visão periférica eu via Meixi, jogando o cabelo brilhoso e sempre obediente. Ela parecia sentir nojo, mas principalmente tédio, de mim.

— Castigo — continuou a sra. Fok, respondendo à própria pergunta. — Terça-feira, Posto Verde B, perto da sala dos professores. Esteja lá às duas. Fique quieta e em silêncio. Vocês precisam aprender a ficar quietas e em silêncio. Não tente nenhuma gracinha. Vou passar lá para fiscalizar.

\*

— Ah, Szu, você ainda está aqui — diz a sra. Fok, sua sombra projetada na parede verde. — Pode abaixar os braços.

Viro e olho para ela. Meus braços estão doendo, e a odeio por isso. Ela é mais baixa do que eu, como a maioria das pessoas. Seu cabelo é preto e oleoso com fios grisalhos, e cai liso sobre sua cabeça. A pele tem a cor de papel-crepom amarelo. Ela parece uma planta que foi esquecida durante as férias.

— Sua avaliação é daqui a cinco semanas — diz ela. — Não é muito tempo para se recuperar.

— Sim, senhora, eu sei — retruco simplesmente.

— Cinco semanas — repete.

Ela me encara, e seus olhos são duas contas pretas. Como ela ensina matemática o dia todo, penso em um ábaco. Penso nos testes de Matemática Básica em sua mesa, neste momento, sem ninguém de olho. Penso que meu teste também está ali, corrigido e avaliado, e me pergunto quão baixa pode ser a nota. Ela sabe, eu não. Meu fracasso paira como um varal de roupas pingando entre nós.

— Szu, você precisa se aplicar mais — diz a sra. Fok. — Eu sei que tem isso dentro de você.

Pisco lentamente para ela. “Isso dentro de mim”, penso. O que é essa coisa a que ela se refere? Um parasita? Assim como eu, ela não sabe. Mas neste instante estou tentando diminuir minha frequência cardíaca. Acalmo minha respiração. Imagino que sou uma porção de manteiga, me aplicando ao teste escrito, deixando uma mancha amarela gordurosa. Imagino minha nota baixa se contorcendo até virar algo magnífico. Um 88 impressionante, um 92 imponente, um 100 perfeito como resultado de todas as equações corretas, ou até mais — um 120, porque fui excepcional e também porque ela adora minha personalidade. Então eu poderia usar os 20 pontos extras em outra nota baixa, para aumentá-la. Todos ficariam felizes.

— Como você está se saindo? — pergunta a sra. Fok.

— Ahn? O quê?

Ela respira fundo.

— Como está se saindo com a revisão?

— É... bem.

É mentira, porque para que uma revisão aconteça é preciso ver tudo pelo menos uma vez. Meus cadernos e pastas permanecem intocados embaixo da minha mesa na sala. Imagino os papéis brancos e limpos acumulando poeira e bactérias.

A culpa faz minha língua inchar na boca. A saliva se acumula embaixo. Talvez eu babe. Olho para baixo, estou envergonhada; a sra. Fok sabe disso. Ela respira fundo e cruza os braços, e eu fico olhando para seus sapatos pretos gastos. Seus pés cansados e braços irritados julgaram corretamente: sou a Noiva de Frankenstein, estou abaixo da curva normal, não consigo nem concatenar palavras longas. *O que essa garota sabe das coisas?*, deve estar se perguntando. *Espero que minha filha não seja uma inútil como ela.*

A sra. Fok me dispensa. Nossas bocas esboçam um meio sorriso reto e forçado. Nos despedimos e andamos em direções opostas — eu em direção a minha mochila, ela em direção à montanha de testes.

Os olhos da minha nuca se estreitam olhando para a sra. Fok. A boca do meu cérebro diz entre dentes: *Odeio você e sua matéria idiota. Espero que você tenha câncer. Espero que não sobreviva.*

Ao sair pelos portões amarelos, minhas mãos doem e minhas pernas sentem o peso do meu aniversário. Como é possível que as pessoas comemorem isso, deem uma festa em que os outros ficam olhando, fazendo sinal de positivo enquanto elas cortam um bolo de qualquer jeito? Como alguém pode gostar de estar um ano mais perto de um problema na coluna, insônia, gengivas se retraíndo para mostrar caninos amarelos? Mesmo com a ilusão de sabedoria, a velhice me deprime. Tenho medo do dia em que minha boca vai se congelar em um

rosnado formado ao longo da vida e não vou mais conseguir acompanhar as novas porcarias da música pop.

Meu ônibus chega fazendo um chiado. Enquanto subo, penso: e se, para variar, todo ano, em vez de gastar e marcar a mesma pele estranha, eu acordasse com uma nova? Trocar minha pele comprida como uma cobra. Seria o melhor presente. Queria poder sumir e virar outra pessoa, uma vez após a outra. Mas tenho pelo menos mais dois anos de educação obrigatória, e ainda é terça-feira.